



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LUÍS RODRIGO FERREIRA SANTOS

CORPO E PERFORMANCE

AMARGOSA-BA
2021

LUÍS RODRIGO FERREIRA SANTOS

CORPO E PERFORMANCE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito necessário para obtenção do grau de licenciado em Filosofia

Orientadora: Profa. Dra. Giovana do Carmo Temple.

AMARGOSA-BA
2021

Santos, Luís Rodrigo Ferreira
Corpo e Performance / Luís Rodrigo Ferreira Santos. --
Amargosa, 2018.
XX f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) –
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de
Formação de Professores, 2021.

Orientadora: Giovana do Carmo Temple.

1. Gênero. 2. Corpo. 3. Performance. I. Título.

CDD xxx

A Banca Examinadora, composta pelos professores apresentados a seguir, que avaliou, em sessão pública realizada em 01 de Outubro de 2021, na sala XX, o trabalho intitulado “Corpo e Performance”, de autoria de Luís Rodrigo Ferreira Santos, considerando-o Aprovado

Orientadora:

Profa. Dra. Giovana do Carmo Temple (UFRB)

1º Examinador: Profa. Dra. Denise Magalhães da Costa

2º Examinador: Profa. Dra. Geovana da Paz Monteiro

AGRADECIMENTOS

As páginas a seguir são fruto não apenas de horas de leitura e escrita, são, sobretudo, o resultado dos esforços e afetos que me sustentaram até aqui. As primeiras palavras de agradecimento serão sempre dedicadas aos meus avós, Estemisse e Rodrigo (*in memoriam*). A conclusão de um curso superior é o primeiro passo no plano deles, de que um dia eu seja doutor. Ao meu pai Ailton, pelo esforço financeiro em manter um filho fora de casa, e pelo incentivo de voar cada vez mais alto. À minha mãe, Regilda, que me ensinou um jeito diferente de ver a vida, que compreendeu e me acolheu quando minhas decisões não contemplavam as suas expectativas sobre o meu futuro. A vocês quatro, que abdicaram do que tinham para dividir comigo, minha eterna gratidão.

Aos soter-amigos que deixei ao deus-dará nos últimos anos, vocês foram de grande suporte na saída, Sazana, Vinícius, Odara, Emanuele, Marcos Paulo, João Hugo, Jamile...

À Vanessa Barbosa, que me aturou e atura na vida, obrigado pelas palavras, pelas correções ABNT e pela frase: “não catastrofiza, amigo”. Sua companhia foi importante nesta caminhada.

Aos amigos amargosenses, agradeço a todos pelo carinho, companhia, risos e choros. Victor, Evandro, Yago, Manuelli, Ravel, Lafla, Poli, Van Couto, Maicelma... Muito, muito obrigado.

Aos amigos da Ciranda, a Flávia, Sharon, Nicolas, Elaine, Ju, Joice, Karine, Gutão pelo apoio e companhia em momentos importantíssimos na minha caminhada.

À professora Denise Magalhães com quem iniciei a escrita deste TCC e contribuiu de muitas maneiras durante o percurso.

À professora Giovana do Carmo Temple pela orientação deste trabalho.

Aos professores do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro de Formação de Professores pelas excelentes aulas.

À Maianna Assis com quem tenho dividido a vida, as palavras por vezes não alcançam o que experimentamos juntos. Sou grato por tudo que compartilhamos e agradeço a gentileza da vida por ter nos unido.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo uma breve reflexão sobre os elementos que compõem gênero, sexo, corpo e performance. A partir das obras principais de Butler e Preciado e alguns outros autores e autoras, será discutido em dois capítulos como as determinações sobre o que é sexo e o que é gênero são capazes de construir afirmações e aplicá-las cotidianamente sobre corpos e comportamentos. O problema central desta pesquisa é como o corpo está reduzido ao genital, e como a partir disso as possibilidades de experimentação da sexualidade e identidade são agrupadas binariamente, considerando a heterossexualidade como princípio e finalidade. Por fim, com a compreensão de que o sexo (o órgão genital) não é o único determinante possível da identidade, a performance aparecerá como outro recurso de afirmação ou reafirmação do gênero.

PALAVRAS CHAVE: Performance. Gênero. Corpo

ABSTRACT

This research aims to briefly reflect on the elements that make up gender, sex, body and performance. From the main works of Butler and Preciado and some other authors, it will be discussed in two chapters how the determinations about what is sex and what is gender are capable of constructing affirmations and applying them daily about bodies and behaviors. The central problem of this research is how the body is reduced to the genital, and how, based on that, the possibilities of experiencing sexuality and identity are grouped binary, considering heterosexuality as a principle and purpose. Finally, with the understanding that sex (the genital organ) is not the only possible determinant of identity, performance will appear as another means of affirming or reaffirming gender.

KEYWORDS: Performance. Gender, Body.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CORPO E PERFORMANCE -O PROBLEMA DO GÊNERO.....	11
1.1. O que ou quem é o sujeito – o embate sexo-gênero	11
1.2. Ser o que se é – Passabilidade.....	15
1.3. Depois do gênero, identidade, binariedade: o visível e o invisível.....	17
1.4. Sentir-se gênero, corpo físico x corpo virtual	18
2. CORPO E PERFORMANCE EM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA	20
2.1. Gênero e farmacopornografia	20
2.2. Construção sexual, <i>performance</i> e sexualidade.....	23
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Alguns episódios da minha trajetória me fizeram refletir sobre normas de gênero muito antes de conhecer a Filosofia, os estudos feministas e as discussões sobre gênero e sexualidade. Resumidamente, visto que certas particularidades não cabem neste trabalho, como grande parte das crianças, fui corrigido sobre meu comportamento e meus “modos, como dizia a minha avó. Dois episódios em particular foram revisitados na memória durante a escrita desta monografia. O primeiro deles, ironicamente, quando fui “fantasiado de menino” para uma festinha junina de uma comunidade religiosa que frequentava. Nesta ocasião, não havia meninos suficientes para formarem os pares na apresentação da quadrilha. O segundo episódio, na verdade, envolve um conjunto de sensações experimentados desde a adolescência até o entendimento enquanto pessoa transgênera, estas experimentações variam desde o desconforto físico de ser socialmente reconhecido como mulher ao alívio de finalmente ser chamado pelo meu próprio nome: Luís.

Trago este breve relato para tentar explicar como o tema desta pesquisa é muito caro e importante na minha formação pessoal e acadêmica. E, por isso, não veria outro jeito senão utilizar da Filosofia para revirar os meus próprios entendimentos sobre os estudos de gênero.

Pressupomos antes de qualquer convivência qual é o sexo anatômico de qualquer pessoa, nos baseamos em seus comportamentos, trejeitos, roupas, falas e etc. Após essa rápida associação, afirmamos, na maior parte das vezes, que, caso seja um homem, ele tem um pênis, e caso seja mulher, tem vagina. Aprendemos o mais cedo possível que as possibilidades de gênero são binárias, homem ou mulher, e são determinadas pelo órgão que está “entre as pernas”. O fator fundamental é a socialização (LANZ, 2014), pois é através dela que internalizamos os papéis que devem ser interpretados, exatamente desta maneira os papéis de gêneros são colocados passo a passo, e à medida que são expostos serão internalizados como naturais.

Depois de associarmos que o gênero é binário, apreendemos que esta construção nos direciona para a heterossexualização, sobre como são produzidos os desejos tendo por finalidade a heterossexualidade. Vale lembrar que isto não diz apenas do desejo afetivo-sexual, mas de como as possibilidades de desvio de comportamento são associadas a desvios de sexualidade. Logo, se há um determinado código de conduta para a masculinidade e este não é seguido à risca, a heterossexualidade é colocada à prova e este sujeito posteriormente pode ter a sua identidade de gênero questionada. Dito isto, percebemos que há uma única possibilidade

de representação social (uma para homem e uma para mulher), tais representações são os fatores de identificação e regulação coletivas.

Esta pesquisa está dividida em dois capítulos, o primeiro capítulo tem por nome *Corpo e Performance – o problema do gênero*, este capítulo é composto por quatro tópicos, nos quais pretendo discutir sobre identidade, binarismo de gênero e apresentar a vivência da *passabilidade* termo específico utilizado nos Estudos Transgêneros. O capítulo dois, intitulado *Corpo e Performance em uma perspectiva política*, visa refletir a participação da biotecnologia e da pornografia estão interligadas nas construções sexuais, no prazer e no desejo e como a *performance* se apresenta nas formulações das identidades de gênero socialmente reconhecidas.

De forma muito particular esta pesquisa é uma tentativa filosófica de pensar o meu corpo enquanto meu próprio experimento. É com este corpo que penso e proponho refletir com a Filosofia as maneiras que construímos gênero, sexo e corpo. Por muito tempo tudo isto pareceu um aglomerado de informações complexamente interligadas. Não sabia outra maneira senão utilizar todo o tempo dedicado à Filosofia para dizer sobre mim, sobre corpo e sobre como descobri, na prática, as experimentações sobre gênero, sexo e muitos outros termos que viriam facilitar a minha compreensão sobre o que eu mesmo experimentava cotidianamente.

1. CORPO E PERFORMANCE - O PROBLEMA DO GÊNERO

1.1. O que ou quem é o sujeito – o embate sexo-gênero

Ou se tem chuva e não se tem sol,
Ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
Ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
Estar ao mesmo tempo nos dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
Ou compro doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
E vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
Se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Ou Isto ou Aquilo – Cecília Meireles

Isto ou aquilo, homem ou mulher, heterossexual ou não, são breves determinações que nos acometem como se nossas experiências pudessem determinar-se assim, polarizadas. Vemos, portanto, no nosso cotidiano que as nossas atividades se dividem a partir de um único demarcador, a saber, o sexo¹.

Considerando todas as possibilidades de vivências, nossos corpos – e direciono, pois a inquietação a este corpo que escreve o presente trabalho de conclusão de curso - são encarados como uma nova possibilidade de existência, ao vivenciar variações de expressão de identidades, as quais só se efetivam para estes corpos na medida em que são vivenciados na epiderme destes corpos e, portanto, visíveis para o outro.

A princípio, precisamos compreender a distinção entre sexo e gênero, uma vez que, como explica Preciado (2018), a sociedade contemporânea entende que um corpo é o corpo da

¹Neste texto sexo corresponde a diferenciação biológica entre machos e fêmeas, entre os que possuem pênis (sexo biológico masculino) e vagina (sexo biológico feminino)

multidão e equivale o sexo ao gênero. Isto porque, como explica Preciado, na nossa sociedade “homens e mulheres são seres biotecnológicos pertencentes ao regime sexo político cujo objetivo é a produção, reprodução e expansão colonial da vida humana heterossexual no planeta” (2018, p. 129). Dito isto, queiramos ou não, atribuiremos gênero/sexo àquilo que vemos. Logo, podemos dizer que a demarcação de homem ou mulher, considerando estes como os dois polos unicamente possíveis, perpassam a imagem ou visualização de uma pessoa.

Não obstante, entendemos que cabelo curto é para homens, saia para mulheres, rosa é cor de menina e azul é cor de menino. O cis-tema - utilizo desta expressão para demonstrar que tudo se constrói através da presunção de cisgeneridade², de forma simplista, presumimos que todos estão adequados ao seu sexo biologicamente determinado - pressiona constantemente para a normatização dos comportamentos, de modo que masculinidade e feminilidade ocupem pólos e que a aproximação destes elementos implique no questionamento da própria sexualidade de outrem e, assim, “a programação dominante de gênero opera com a seguinte premissa: um indivíduo = um corpo saudável = um sexo = um gênero = uma sexualidade = uma propriedade privada” (PRECIADO, 2018, p. 127). Vejamos como Preciado descreve o que define por **“códigos semiótico-técnicos da masculinidade heterossexual branca pertencentes à ecologia política farmacopornográfica pós-guerra”**:

James Bond, futebol, usar calças compridas, saber levantar a voz, *Platoon*, saber matar, saber sair na porrada, os meios de comunicação de massa, a úlcera estomacal, a precariedade da paternidade como laço natural, o jaleco, o suor, a guerra (incluindo a versão televisiva), Bruce Willis, a operação *Tempestade no Deserto*, a velocidade, o terrorismo, o sexo pelo sexo, ficar de pau duro como Ron Jeremy, saber beber, ganhar dinheiro, *Rocky*, Prilosec, a cidade, o bar, as putas, o boxe, a garagem, a vergonha de não ficar de pau duro como Ron Jeremy, *Viagra*, câncer de próstata, o nariz quebrado, a filosofia, a gastronomia, *Scarface*, ter as mãos sujas, Bruce Lee, pagar uma pensão para a ex-mulher, violência doméstica, filmes de terror, pornô, jogatina, apostas, o governo, o Estado, a corporação alimentos embutidos, caça e pesca, botas, a gravata, a barba de três dias por fazer, álcool, infarto, calvície, a Fórmula 1, viagem à Lua, a bebedeira, enforcar-se, relógios grandes, calos nas mãos, manter o ânus bem fechado, camaradagem, gargalhadas, inteligência, saber enciclopédico, obsessões sexuais, ser um conquistador, misoginia, ser um *skinhead*, *serial killers*, *heavy metal*, deixar a esposa por uma mulher mais jovem, o medo de tomar no cu, não ver os filhos depois do divórcio, vontade de dar o cu... (PRECIADO, 2018, p.131)

Considerando estes códigos da masculinidade apresentados por Preciado, vigentes, respeitados e cultivados até os dias de hoje, uma primeira questão a ser formulada é a seguinte: e como enquadrar, definir os corpos que não se enquadram nestes códigos de masculinidade ou nos de feminilidade? A estes corpos resta o lugar dos corpos desviantes: corpos que não se

² Refere-se à cisgênero, pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital exposto (LANZ, 2014, p. 296)

enquadram nas normas estabelecidas e esperadas para o comportamento do corpo/sexo feminino e do corpo/sexo masculino. É por isso que as modificações corporais são colocadas como modo de aproximação ao padrão cis-heterossexual.

Assim, o corpo do outro é impelido a adequar-se à passabilidade³ (ou seja, à aproximação do fenótipo do corpo trans ao corpo cis) para que isto valide a sua existência em sociedade. Isto porque, segundo Lanz (2016), a visibilidade ou invisibilidade social não é de fato o que mais afeta a vida da pessoa transgênera, e sim “o predomínio hegemônico e ostensivo do dispositivo binário de gênero” (p. 213). É este dispositivo binário de gênero marcado pelo olhar do outro que direciona o desviante nesta busca incessante de adequação das normas sociais de gênero.

Esta nova performance de gênero, de ser separado do sexo atribuído ao nascimento (homem por ter pênis e mulher por ter vagina), quebrando assim os estereótipos de gênero, é o encurtamento da sensação de morte em vida, visto que ser lido/a publicamente como pertencente ao gênero oposto ao designado sexualmente é ter o aval para transitar livre e anonimamente na sociedade, ao passo que “abandona” a sua identidade transexual/transgênera também se dissolve na multidão.

Para Lanz (2016, p.206), ao existir sem prévia autorização, a pessoa desviante “afronta a ordem normal e legal da sociedade”, com isto fica à margem da sociedade, institucionalmente falando, pois ainda que ela exista materialmente não possui, contudo, a sua identidade institucional. Com o corpo desviante, “estamos diante da emergência de estranhezas desconhecidas; situamo-nos no epicentro de um terremoto no campo normativo; os órgãos de seus corpos entram em rebelião.” (CARVALHO, 2013, p. 344)

Já os corpos reduzidos às práticas sexuais de seus genitais reforçam suas identidades sexuais por duas vias: a biológica (sexo) e a cultural (gênero) e produzem sujeitos objetificados para a continuidade da prática “natural”

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo e a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder ente os gêneros (feminino/masculino) [...] a natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. (PRECIADO, 2004, p.25)

³ “Termo que traduz o quanto uma pessoa transgênera se parece fisicamente, se veste, fala, gesticula e se comporta de acordo com os estereótipos do gênero oposto ao que lhe foi consignado ao nascer” (LANZ, 2014, p.322). Este termo será melhor explicado no tópico 1.2

A compreensão do sexo como órgão e prática que Preciado se refere, problematiza o investimento normativo em torno do sexo como tecnologia de dominação heterossocial. Assim, esse lugar de resistência que o corpo trans ocupa, na medida em que ele subverte as identidades sexuais possibilita ao corpo trans a experimentação da sexualidade, o distanciamento da patologização do corpo-estranho, e a criação de novas políticas de movimentar-se no mundo. Sobre isso, Carvalho (2013, p. 344) afirma que: "E neste nível, os corpos se encontram no mundo sob o qual cada anatomia possui uma viagem e uma rotação possível a si mesma, desvelando o seu próprio mundo de possibilidades. Cada monstro é um convite, uma etapa, uma sondagem de possíveis do corpo sobre si mesmo".

Analisamos, inicialmente, que a distinção entre sexo e gênero se dá pela separação entre o biológico e o cultural, por meio da qual o sexo corresponde ao que é determinado no momento do nascimento e, conseqüentemente, atribuído aos diversos elementos que serão agregados posteriormente à vida. Para Nicholson (2000, p. 2), gênero é “usado em oposição à ‘sexo’, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado”. Portanto, constantemente o gênero é atribuído ao comportamento, à personalidade, e quase nunca ao corpo, à estrutura física. Jaqueline Gomes de Jesus em 2012, no manual “Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos” apresenta sexo e gênero como:

Sexo: classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

Gênero: classificação pessoal das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero⁴. Independente do sexo. (JESUS, 2012, p. 13)

Apesar do hábito, das influências e do convívio social, a distinção entre homem e mulher não é dada biologicamente. A estrutura biológica – unicamente – não define o que é comportamento feminino ou masculino, este comportamento aparece à medida que nos são ensinados e ensinadas às atribuições de gênero que historicamente foram atribuídas ao sexo genital como determinante daquilo que somos da nossa identidade, individualidade. Nicholson (2000, p.4) diz que “o corpo é visto como um tipo de cabide de pé no qual são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos à personalidade e comportamento”. Sobre este tema, Butler (2018, p.26) afirma:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.

⁴Ainda segundo Jaqueline Gomes de Jesus (2012) o papel/expressão de gênero diz do modo de agir nas situações conforme o gênero ensinado desde o nascimento.

Primeiro, questionamos a imutabilidade do sexo, e só então prevemos que a própria construção do **que é sexo** pode não ser aquilo que pensamos, ou seja, uma característica irremediável. Talvez isto que dizemos ser “o sexo” seja tão construído como o que imaginamos construir para gênero (BUTLER, 2018, p.27).

1.2. Ser o que se é – Passabilidade

Antes de tudo, é preciso entender que pré-existe um padrão de comportamento social, que abrange do fenótipo ao comportamento, como marcador de gênero. A sociedade opera com normas que delimitam o pertencimento de cada um ao seu lugar de origem, logo, desde o nascimento somos direcionados a papéis relativos ao gênero determinado pelo sexo (biológico).

Para Bicchieri (2006 apud LANZ, 2014, p. 61), “as normas sociais devem ser entendidas como uma espécie de gramática das interações sociais. Tal como uma gramática, um sistema de normas especifica o que é e o que não é aceitável, numa determinada época, dentro de uma determinada sociedade ou grupo social”. Portanto, antes de abordarmos de fato o que compõe a passabilidade, é necessário compreendermos como nos afastamos do “normal” a caminho de uma nova normalidade aparente. A norma estabelece aquilo que é socialmente aceito e pertencer à norma nos assegura a aceitação social, ao menos num determinado grupo. Por outro lado, desviar-se da normalidade nos direciona para exclusão, para a marginalidade. Para Lanz (2014, p. 62), estas sanções aplicadas aos desviantes da norma servem como encorajamento à obediência e a conformidade com a normalidade.

Lanz (2014, p. 92-93) aponta a roupa como principal veículo da expressão de gênero,⁵ pois a percepção que cada um tem de si é refletida no modo como vestimos, sendo uma conexão entre o social e o eu interno. A roupa que escolhemos usar – quando há a possibilidade de escolha - associada a atitudes e comportamentos, pode facilitar ou dificultar a interação social.

A roupa é, ao mesmo tempo, um operador de socialização, um mecanismo de controle social e um veículo de libertação da tirania dos condicionantes culturais. Um exemplo da roupa como operador de socialização é o papel do uniforme na escola, nas organizações religiosas, nas linhas de produção e nas forças armadas. (LANZ, 2014, p. 94)

⁵Para Lanz (2014, p. 309), expressão de gênero “é a manifestação, no mundo exterior, da identidade de gênero assumida por uma pessoa”. Ou seja, o conjunto de formas e condutas que uma pessoa usa para expressar sua identidade para o mundo exterior.

Lanz nos mostra que a roupa também atua como um demarcador social, separando por hierarquias, inclusive sexuais. Lanz (2014, p. 97) afirma que “a roupa é um veículo cultural poderosíssimo, destinado a projetar socialmente a imagem que cada pessoa deseja transmitir de si mesma”. Logo, a roupa também permite a reprodução e a expressão do gênero, seja ele o designado no momento do nascimento, seja o autoidentificado.

Para Bento (2006), o corpo fala por intermédio das roupas, acessórios e cores, e o significado que atribuímos às roupas e acessórios estão para além do argumento do gosto/preferência pessoal, há uma polaridade dos elementos pertencentes à categoria masculino e à categoria feminino, e estes elementos vinculam-se às normas de gênero. Para a autora, “assumir um gênero é um processo de longa e ininterrupta duração. Nessa pedagogia, uma das lições primeiras é aprender a usar, querendo ou não, as cores e as roupas definidas como apropriadas” (BENTO, 2006, p. 164).

É crucial entendermos que a sociedade apresenta apenas duas possibilidades de enquadramento de gênero, ou homem ou mulher. Nada mais é possível de ser apresentado ou performar do que estes dois espectros, os quais apresentam, socialmente, a seguinte configuração. Homens e mulheres, no aspecto estritamente biológico precisam se completar (eis aqui a relação pênis – vagina), entretanto os elementos de socialização para homens e mulheres precisam estar separados, é necessário criar uma barreira, portanto: aquilo que parece e demonstra ser homem, definitivamente não cabe no ser mulher. É a partir deste marcador que se estabelece a distinção entre a existência (vinculada ao sexo biológico) e a aparência (roupas, costumes, hábitos etc.) do feminino (gênero mulher) e do masculino (gênero homem), a partir da qual é preciso compreender a perspectiva da passabilidade. Trata-se da necessidade ou urgência em “passar” sem deixar dúvida para o outro quanto ao enquadramento do corpo desviante em uma das categorias binárias de gênero, a fim de garantir conforto e segurança (manutenção da vida) àquele corpo que se desvia do gênero pré-determinado. Para Lanz

A idéia implícita em ‘passabilidade’ é que a legitimação da identidade de gênero que está sendo expressa por alguém depende desta pessoa conseguir ‘passar’ sem deixar nenhum tipo de dúvida em seus interlocutores quanto ao seu correto enquadramento em uma das categorias do dispositivo binário de gênero. [...] A passabilidade cumpriria, assim, uma função de legitimação da identidade, através da alteridade proporcionada pelo ‘olhar do outro’, nos relacionamentos interpessoais diários... (LANZ, 2014, p.130)

A passabilidade confere então, a nós, pessoas transgêneras e/ou transexuais, a segurança pelo anonimato, visto que passar nada mais é do que compreender a *performance*⁶ de gênero sugerida para e pela cisgeneridade heteronormativa, e aplicar tal comportamento da maneira mais convincente possível, possibilitando relacionamentos interpessoais que não coloquem em risco a existência do corpo desviante, blindando este corpo, ainda que teoricamente, das represálias da cisgeneridade a respeito da inconformidade com o gênero através do genital. Contudo, como afirma Lanz (2014, p. 139), quanto mais “passável”, ou seja, quanto mais próximo do estereótipo do dispositivo binário de gênero, menos visibilidade enquanto pessoa transgênera o corpo desviante terá.

1.3. Depois do gênero, identidade, binariedade: o visível e o invisível

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação às normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2018, p.43-44)

O que antecede pensar sobre a expressão e a identidade de gênero é pensar sobre a polarização do desejo, ou pelo menos a ideia desta polarização. Primeiro, a cisgeneridade é apresentada como regra e subsequente a isto a heterossexualidade é apresentada como única via possível – e natural – para o desejo e a prática sexual entre as pessoas. Para Vergueiro (2015, p. 57), a cisgeneridade se localiza nas relações e nos diálogos referentes a sexo e gênero “englobando, via cisnormatizações, possibilidades definitórias restritas para corpos e identificações, bem como regulações sobre expressões de gênero”. A heterossexualidade se refere a desejos e práticas sexuais, as quais dizem respeito aos processos de generificação das pessoas, assim como “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’” (BUTLER, 2018, p.44). Portanto, para

⁶ Com isto pretendo dizer que a apropriação e a aplicação dos elementos, trejeitos e características deste ou de outro gênero é possível performar, ou seja, interpretar socialmente o gênero, assim tal como um personagem, o gênero também pode ser montado, interpretado e reinterpretado. Deste modo iremos primeiro, constatar que é uma construção instável, e segundo, sendo plenamente convincente em sua performance e passabilidade, a pessoa transgênera afasta-se do marcador da anormalidade

Vergueiro (2015), refletir sobre cisgeneridade nos permite compreender que existem identidades de gênero tão naturalizadas que sequer precisam ser nomeadas.

A matriz cultural da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Ora do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural. Entretanto, sua persistência e proliferação criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. (BUTLER, 2018, p.44)

A cisgeneridade nos direciona também à binaeriedade, sob o pressuposto de que a leitura dos corpos seja clara o suficiente para delimitarmos a qual gênero e sexualidade determinado corpo se direciona. Ou seja, são corpos que apresentam padrões de “normalidade” necessários e suficientes para determinarmos, à primeira vista, se trata de um homem ou de uma mulher.

1.4. Sentir-se gênero, corpo físico x corpo virtual

“O corpo da pessoa transgênera é modelado sob o signo da transgressão ao dispositivo binário de gênero, assim como o corpo da pessoa cisgênera resulta da obediência e submissão a essas mesmas normas” (LANZ, 2014, p. 221). Este tópico é marcado por inquietações acerca do corpo e do que ele representa quando nos propomos a refletir sobre qual é a sua função, ou se necessariamente corpo precisa ter atribuído a si uma função determinada.

A princípio, a determinação biológica de um corpo (se ele tem pênis ou vagina) direciona a sua socialização, sexualidade e seu desejo, que serão direcionados a outros corpos. Dito isto, o gênero estaria circunscrito na representação física do corpo, homem para aqueles que possuem um corpo com pênis, e mulheres para aqueles – corpos – que possuem vagina. Mas, à primeira vista enxergamos pênis e/ou vaginas ambulantes ou buscamos elementos culturais sociais que nos indiquem que esta ou aquela pessoa é homem ou mulher, logo possui pênis ou vagina?

Sobre isso, Louro (2000, p.8 apud LANZ, 2014, p. 101) afirma que:

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente por ela são alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso,

que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo.

Lanz (2014) aponta que é o corpo que se rebela contra o dispositivo binário de gênero, e é este mesmo corpo que tentar reajustar-se a norma de gênero que o excluiu.

O corpo é modelado segundo as disposições do contexto sociopolítico-cultural em que uma pessoa vive, materializando-se de acordo com as identificações de cada sujeito quanto aos modelos de conduta relativos ao gênero em que a pessoa foi classificada ao nascer. [...] As pessoas continuam a transformar e ressignificar seus corpos incessantemente, ao longo de toda a sua existência, dispensando velhos modos de ser por novos estilos de vida, todos socialmente construídos a partir das matrizes culturais de inteligibilidade em vigor numa determinada sociedade e época. (LANZ, 2014, p. 106)

Portanto, ao tornar-se gênero, o corpo para as pessoas transgêneras “apareceu como um projeto de transformação, um vir-a-ser da própria pessoa, o que implica em aceitar sua aparência, tamanho, forma e até mesmo o seu conteúdo como amplamente abertos a reconstrução” (LANZ, 2014, p. 111).

Junto com o corpo, a identidade de gênero nos fornece literalmente a nossa identidade na sociedade, fazendo de cada um de nós “sujeitos” reciprocamente inteligíveis. (LANZ, 2014, p. 114). Com isso, a expectativa não é dizer que este ou aquele corpo é ou está incompatível biologicamente, tampouco que precisaria nascer de novo e por um acaso, num outro sexo biológico para que correspondesse ao seu entendimento da identidade de gênero. Pelo contrário, estes corpos não são necessariamente incompatíveis, são as identidades que estão pré-programadas, socialmente e historicamente, para que nos enquadremos em “moldes de gênero”.

2. CORPO E PERFORMANCE EM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA

2.1. Gênero e farmacopornografia

Durante o século XX, a “invenção” da noção bioquímica do hormônio e o desenvolvimento farmacêutico de moléculas sintéticas para uso comercial modificaram radicalmente as noções arraigadas de identidades sexuais tradicionais e patológicas. Em 1941, as primeiras moléculas naturais de progesterona e estrogênio foram obtidas a partir da urina de éguas grávidas (Premarin), e logo depois hormônios sintéticos (noretindrona) passaram a ser comercializados. No mesmo ano George Henry realizou o primeiro estudo demográfico sobre “desvio sexual”, um estudo quantitativo de massa conhecido como *Sex Variant*. O caminho da adequação sexológica continuou com os Relatórios Kinsey acerca do comportamento sexual humano, em 1948 e 1953, e, em 1968, com os protocolos de Robert Stoller sobre as noções de “feminilidade” e “masculinidade”. Em 1957, o pedopsiquiatra norte-americano John Money cunha o termo “gênero”, diferenciando-o do tradicional termo “sexo”, para denominar o pertencimento de um indivíduo a um grupo de comportamento e expressão corporal culturalmente reconhecido como “masculino” ou “feminino”. [...] Entre 1946 e 1949, o médico Harold Gilles realiza a primeira cirurgia de faloplastia no Reino Unido em Michael Dillon, primeiro transexual a tomar testosterona como parte do protocolo de masculinização. Em 1952, o soldado norte-americano George W. Jorgensen foi transformado em Christine, primeira transexual cujo caso foi amplamente discutido na imprensa. Entre o começo dos anos 1950 e os anos 1960 o médico Harry Benjamin sistematizou o uso clínico de moléculas hormonais no tratamento de “mudança de sexo” e definiu “transexualismo” – termo introduzido pela primeira vez em 1954 – como uma condição curável. (PRECIADO, 2018, p. 28-30)

Existem grandes marcos para a percepção e construção do gênero e da sua associação com o sexo (órgão genital). Este breve apanhado trazido por Preciado (2018), mostrando a movimentação da medicalização que poderemos chamar posteriormente de capitalismo sexual – ainda segundo Preciado - coloca em questão como o sexo, os órgãos sexuais/genitais, as práticas sexuais e as condutas de masculinidade e feminilidade, estão relacionadas ao

capitalismo contemporâneo. Para Preciado (2011, p.12), “o sexo do vivente revela ser uma questão central da política e da governabilidade.” O *straight*, ou o heterossexual, “é” o objetivo a ser atingido, corpos com órgãos precisamente e previamente definidos para uma função. Tornando, assim, fora do normal (e, justamente por isso, incompreensível) um corpo, uma sexualidade e um sexo (entendido como ato sexual) que não correspondam ao padrão heterossexual. Para Preciado, temos com Money⁷ e o início da patologização dos corpos “anormais”. Ou seja, começa-se com Money a definir como incomum tudo que foge do heterossexual, todo corpo que não corrobora com a adequação da “normalidade”,

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos dos “normais”. (PRECIADO, 2011, p.12).

Ainda, segundo Preciado (2011, p. 14), a noção de gênero é fundamental para a fabricação da diferença sexual. Assim, o gênero não seria um elemento enrijecido, mas “o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais”.

O avanço na ciência, na biotecnologia, adicionados ao crescimento do capitalismo impulsionam diversos controles corporais, sexuais e biológicos. Já sabemos que a partir das conclusões moneísta, gênero e biotecnologia estão interligados, visto que com entendimento da modificação corporal estamos cada vez mais próximos da correção para a normalidade.

Entretanto, precisamos entender, e deixar o mais evidente possível que, a normalidade corresponde direta e exclusivamente à heterossexualidade (o corpo *straight* para Preciado). Dito isso, outros elementos precisam ser trazidos à cena, são estes: a pornografia, o prazer e o desejo, todos estes elementos se dirigem (no caráter da legitimidade) para a heterossexualidade.

⁷John Money (1921 -2006) apresenta em 1957 o termo gênero e com isso dá início a diferenciação entre gênero e sexo. Com Money o termo gênero se torna uma ferramenta de diagnóstico, visto que, durante a década de 1950, ele começa a "mudar" por meio de procedimentos cirúrgicos o gênero de crianças “hermafroditas”. (PRECIADO, 2014)

Se temos a perspectiva e a possibilidade de adequação, temos então a oportunidade de patologização das tais anormalidades⁸, vide a necessidade do CID⁹ para arrebatar as “divergências” sexuais e de gênero, a exemplo do CID F64 que corresponde ao *transtorno da identidade sexual*. Temos, assim, a brecha para corrigir os corpos desviantes da heterossexualidade, ou pelo menos ao padrão correspondente.

A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, homossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, quase manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. (PRECIADO, 2018, p. 37)

Há que se destacar também as duas grandes produções da indústria farmacêutica. A primeira, a pílula anticoncepcional, que demarca, do ponto de vista bioquímico, a separação da heterossexualidade da reprodução. Segundo, o Viagra como novo determinante do desempenho sexual masculino aliado à demonstração de masculinidade (claramente em alusão a ereção). Conseqüentemente temos a pornografia como indicativo e medidor das supostas novas formas de prazer e desejo sexual, a colisão destas duas indústrias (farmacêutica e pornográfica) possibilita, para Preciado, a um termo que virá englobar as inovações biotecnológicas referentes ao gênero e ao sexo atreladas ao capitalismo: a farmacopornografia. Por este conceito, Paul Preciado (2018, p. 36) se refere "aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual", visto que, sem pílula ou Viagra não haveria a pornografia. Esta, por sua vez, depende do controle e vigilância dos fluidos e afetos do corpo (PRECIADO, 2018), não é por acaso que a indústria pornográfica cresce de forma estratosférica¹⁰.

⁸A necessidade da patologização de pessoas transgêneras abre espaço para a possibilidade de encaixá-las no espaço da anormalidade como se esta “identificação pessoal” trouxesse algum malefício social – apesar de supor que o grande impedimento para as pessoas trans advém dos costumes moralistas, resquícios de indicações culturais/religiosas sobre a função reprodutiva entre homens e mulheres, e através das leituras utilizadas para esta pesquisa, não encontramos uma determinação universal do gênero, não temos homogeneidade naquilo que indicamos como próprio do gênero masculino ou do gênero feminino, portanto, este oposto da anormalidade é puramente uma convenção cultural e o que patologiza uma pessoa transgênera é “como a sociedade classifica as suas condutas tendo em vista os padrões estabelecidos” (LANZ, 2014, p. 58)

⁹A Classificação Internacional de Doenças (CID) aparece como ferramenta fundamental para estabelecer políticas públicas alinhadas com as necessidades sociais. A CID serve de base para identificar tendências estatísticas de saúde em todo o mundo. Como principal ferramenta de codificação dos agravos de mortalidade e morbidade, ela pode nortear políticas que visam mudanças concretas e impactantes no contexto da saúde pública. (ALMEIDA et. al., 2020, p.02)

¹⁰Pesquisas apontam que a indústria pornográfica ou de entretenimento sexual adulto movimenta milhões de dólares em todo mundo, sendo mais lucrativa que o tráfico ilegal de drogas e armamentos, e que cerca de 30 milhões de pessoas acessam sites pornográficos diariamente; ademais, os sites gratuitos ofereciam de 70 a 80% da pornografia acessível (MARZOCHI, 2003). O ápice da produção de filmes pornográficos pela indústria cinematográfica aconteceu entre 2002 e 2005, movimentando 13 bilhões de dólares no período (PINHEIRO, 2013). No entanto, a expansão da internet fez com esse número caísse para menos da sua metade em 2013, uma

Dadas as intervenções e explicações do período pós-guerra, observamos a produção e a programação do gênero. O gênero, ou os gêneros, se constroem, ou talvez se exibem, diante das diversas interações biotecnológicas, em um emaranhado de informações que discursam além do que está culturalmente inscrito. Com as diversas regulações e alterações bioquímicas podemos “mensurar” o quão divergente da normalidade um corpo está, já que dependemos do reconhecimento visual do outro. Assim, a reprodução dos hábitos, comportamentos, as adequações (conscientes) ao ideal heterossexual, indicam uma produção virtual do gênero, coberto das mais variadas técnicas a fim de materializar a performatividade de gênero que mais agrada, sendo assim uma produção constante de tecnogêneros.

2.2. Construção sexual, *performance* e sexualidade.

Como já dito algumas vezes, a heterossexualidade se apresenta como princípio e finalidade da relação sexo-gênero-desejo. Segundo Butler (2018, p. 53) “a instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada, exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando essa diferenciação por meio das praticas do desejo heterossexual”. Assim, a coerência esperada é que o homem se porte dentro daquilo determinado como masculino e se relacione com o seu oposto compatível e simétrico, neste caso, mulher.

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultura do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou a unidade internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. (BUTLER, 2018, p.52).

A sexualidade, o prazer e o desejo se parecerão com um produto, considerando que existe uma tecnologia de construção da sexualidade que designa, ou que pelo menos considera, os órgãos reprodutores como parte única de um sistema sexual, retirando das demais partes de um corpo a possibilidade de sexualização (PRECIADO, 2014). Pensando nesse dispositivo de construção da sexualidade, o padrão heterosocial e heteronormativo coloca os corpos em

vez que aproximadamente 95% do que é produzido pode ser acessado on-line gratuitamente (*apud* BORGES, TÍLIO, 2019, p.02)

lugares fixos de experimentação da sexualidade, determinando a sexualidade como algo “natural” e anatômico. Ainda, segundo Preciado (2014, p. 25), “o sistema heterossexual é um dispositivo que opera por divisão e fragmentação do corpo” ,fazendo com que se estabeleça uma diferença sexual.

Com isto, refletiremos sobre a contribuição da pornografia para a construção particular da experimentação sexual, diria talvez que não tão pessoal visto que percebemos cotidianamente o quanto a fantasia pornográfica implica na “maneira correta” do fazer sexual. Portanto, reconheceremos que existem práticas e papéis sexuais determinados como naturais, corroborando com o entendimento social de que a prática do prazer e do desejo é rígida e imutável.

A (hetero) sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (PRECIADO, 2014, p.26).

Se nos voltarmos para nossas concepções, ou as que aprendemos e convivemos desde a infância, perceberemos que diversos códigos de gênero são inscritos em crianças que ainda não nasceram, muito além das determinações de cores, brinquedos, vestimentas. Imaginamos num futuro que aquele sujeito que está para nascer ocupará um cargo segundo o seu sexo, um relacionamento com o sexo oposto anatomicamente compatível, e esperamos que este sujeito corresponda às nossas expectativas para que o sexo biologicamente dado assemelhe-se às normas e códigos de conduta que reforçam a interligação do gênero ao sexo. Assim, em concordância com Preciado (2014), o corpo se mostra como um texto que pode ser socialmente inscrito.

Para Bento (2006, p.87)

Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir há um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamento, gostos e subjetividades que acaba por antecipar o efeito que se supunha causa.

Ou seja, são as suposições e as expectativas depositadas no futuro que são responsáveis por estruturar as *performances* de gênero, quando designado o sexo através dos enunciados “é menino!” e/ou “é menina!” seguidamente haverá a materialização das expectativas. A *performance* antecede a ocupação do sujeito no mundo e a convivência entre seus pares, são essas indicações do futuros que produzirá corpos “normais” femininos ou masculinos. E, posteriormente ao nascimento, outros investimentos são feitos a fim de assegurar o êxito nos papéis designados, a infância é o momento primeiro de inscrição dos enunciados performativos

(BENTO, 2006). Para as meninas, bonecas, kits de cozinha, casinhas de boneca, laçarotes, vestidos e maquiagens. Para os meninos, tanques de guerra, revólveres, chapéus de caubói, super-homem e bolas de futebol. Uma preparação constante para a heterossexualidade pensada na ideia de complementaridade tanto dos papéis, como anatômica. Neste sentido, a reação em cadeia é de que o corpo reflete o sexo e o gênero só se anuncia mediante a confluência objetiva entre sexo e corpo.

A construção da coerência oculta as discontinuidades do gênero, que grassam nos contextos heterossexuais, bissexuais, gays e lésbicos, nos quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou a sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero [...] (BUTLER, 2018, p.234)

Então serão reforçados cotidianamente os códigos para a concretização de uma *performance* esperada, como sentar, o que falar como falar, quando calar, os ambientes que podem ser frequentados e as roupas que podem ser usadas para que o ideal da performatividade seja cumprido. Logo, duvidaremos se tais elementos (as suposições e expectativas que se transformam em normas de condutas) não fazem parte de um ideal pré-fabricado do que pode ou não ser o gênero. Então, para Butler (2018, p.235-236):

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou a identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos [...]. Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

A *performance* descansa sobre instabilidades. Isso porque, os elementos, os códigos, as nuances que compõem a construção das apresentações particulares interagem, a princípio, com dois elementos, o sexo anatômico ou biológico, que pode ser refletido pelo corpo; e a identidade de gênero. Butler (2018) afirma que gênero é um projeto que tem como fim uma sobrevivência cultural. Havendo a possibilidade de gênero e sobrevivência cultural se interligarem, pensaremos na condição da pessoa transgênera que se desloca da repetição de um código de gênero, que entende particularmente como incompatível, para um outro código, a fim de refazer por si só uma imersão em outra *performance*. Para atender e alcançar a satisfação pessoal, esta pessoa precisaria necessariamente submeter-se ao sistema binário, uma vez que abandona trejeitos, atos e suposições que são determinados para um sexo (a exemplo, pessoa com vagina = mulher) para sucumbir a outros códigos como demonstração de pertencimento à nova identidade adotada.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2018, p.244)

Assim como diz Lanz (2014), a *performance* se liga aos aspectos e distinções de gênero tal qual um espetáculo teatral. A grande maioria das pessoas se reconhece com o gênero designado no nascimento atrelado ao órgão genital, deste modo, é comum que estas pessoas compreendam que os comportamentos ensinados para cada grupo (homens e mulheres) fazem parte de um fluxo natural, impedindo assim a fluidez entre os tais papéis de gênero. As determinações performativas que conhecemos são frutos de aprovações coletivas sobre o comportamento. O que podemos entender é que o sexo, a redução das pessoas à sua genitália, é uma excelente ferramenta para determinarmos uma *performance* adequada, um corpo “precisa” de um sexo a fim de que sejam dadas as regras que possibilitem o trânsito deste corpo nos espaços, a maneira como a heterossexualização atua permite que a *performance* também seja um fator excludente, pois diante do que está estabelecido resta a possibilidade de adequar-se e cumprir com quaisquer que sejam os papéis estabelecidos, ou transgredir, romper com as normas pré-estabelecidas.

CONCLUSÃO

É possível compreender que a cisheteronormatividade estipula como as relações devem acontecer, sobretudo a relação de exposição social, e o fator determinante é o entendimento coletivo de que o sexo precede tudo que pode identificar uma pessoa. Por ser determinado inclusive antes do nascimento, é naturalizado como demarcador de gênero. Existem duas presunções a ser consideradas, as quais este trabalho buscou analisar. A primeira é a cisgeneridade, que nos faz supor que todos os corpos têm o seu sexo adequado à sua identidade de gênero, neste caso pênis para definir quem são homens, vagina para definir quem é são as mulheres. E a heterossexualidade, que nos direciona ao entendimento que as relações afetivo sexuais precisam ser anatomicamente compatíveis.

Esta ligação cisnormativa é parte fundamental do dispositivo binário de gênero, o órgão genital é o precedente escolhido para determinação do gênero, e com isto parece existir um sistema polarizado dos comportamentos, corpos e sexualidades. O que propomos com as nossas análises é refletir sobre as possibilidades de os corpos existirem para além das determinações cisnormativas e da heterossexualidade. Resumidamente, sabemos que existem normas sociais que diferenciam quem se encaixa em qual grupo, os elementos visuais são os primeiros critérios de classificação. Socialmente as pessoas são constantemente classificadas a partir do olhar do outro, as vestimentas, as roupas, adereços e acessórios são veículos para a percepção alheia. Não apenas os corpos foram sexualmente normatizados pela noção de gênero, mas a nossa subjetividade, ou seja, nossas escolhas, vivências, prazeres e desejos são definidos pela identificação dos nossos corpos femininos ou masculinos. Este trabalho pretende ser, assim, uma contribuição às pesquisas em torno do gênero, do sexo, da sexualidade e das resistências às estratégias de controle dos corpos e domínio sobre a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.S. C.; SOUSA FILHO, L. F.; RABELO, P. M.; SANTIAGO, B. M. **Classificação Internacional das Doenças - 11ª revisão: da concepção à implementação.** Comentário. Rev. Saúde Publica. 2020; 54:104. ISSN 1518-8787

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro. Garamond, 2006.

BORGES, M. T.; TÍLIO, R. **Consumo de pornografia midiática e masculinidade.** *Periódicus*, Salvador, n.10, v. 1, nov.2018-abr. 2019 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, A. F. **A figura genealógica do monstruoso: corpos deformados, desmedidos e repugnantes.** *In Rev. Linha Mestra*, N.23, Ago.Dez.2013ISSN: 1980-9026

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2014, 342 f.

LANZ, L. **Ser uma pessoa transgênera é ser um não ser.** *Periódicus*, Salvador, n.5, v.1, maio - out.2016. Revista de estudos interdisciplinares em Gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia - UFBA. ISSN: 2358-0844.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero.** *In: Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, pág. 8-41

PRECIADO, P. B. **TestoJunkie – Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, P. B. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”.** I: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19 (1); 312 janeiro-abril/2011.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Trad. Guacira Lopes Louro. 1. Ed. 6ª reimp. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015, 244 f.

